

Regional

SANTA TERESA

História esquecida dos poloneses

Professor desvenda a contribuição dos polacos na formação de Santa Teresa, na região serrana do Estado

Nilo Tardin
SANTA TERESA

Antes da chegada dos primeiros imigrantes trentinos a Santa Teresa, onde criaram a primeira cidade do Brasil colonizada por italianos, os poloneses já estavam em terras capixabas fugindo da tirania, frio e miséria na Europa.

Renegada pelos estudiosos da imigração italiana, a trajetória esquecida dos polacos na formação do município de Santa Teresa foi desvendada pelo professor Luiz Buzatto, 76 anos.

O professor revirou páginas e páginas dos livros da governadoria da era imperial no Arquivo Público do Estado e comprou um briga de foice com os tradicionais pesquisadores da imigração italiana.

No polêmico artigo “Estudos da Imigração Italiana no Espírito Santo” Buzatto mostra, através de documentos, que os poloneses esta-

vam estabelecidos em 1873 no lugar que mais tarde chamou-se Patrimônio dos Polacos, hoje distrito de Santo Antônio do Canaã, Santa Teresa, na região serrana capixaba.

Já em 1870 os registros históricos coletados por Buzatto apontam que 135 famílias polonesas viviam na região e criaram problemas na colônia de Santa Leopoldina.

“Tanto é verdade que o diretor da colônia, Pedro Albuquerque Rodrigues, escreveu ao presidente da província: ‘Pelo gênio desordeiro do polaco, por moralidade no serviço, fui forçado a não deixar sequer um polaco nas turmas em que trabalhavam os pomeranos. A passagem de um grupo deles é sempre traçada pela destruição ou furto de algum objeto’”, escreveu.

Após um motim, os polacos em Santa Leopoldina exigiram voltar para a Europa sob alegação de que não havia lotes para todos, recebiam pouco e faltavam médicos.

Originários do Grão-Ducado de Poznan, os poloneses eram desprezados pelas autoridades imperiais e imigrantes alemães e pomeranos que preferiam viver afastados deles devido “ao caráter desordeiro”.

“Muitos deram meia volta e foram para a Europa ou se dispersaram pelo Brasil. Quem ficou, contribuiu na formação do município e na sua cultura”, disse Buzatto.

DISTRITO DE Santo Antônio do Canaã, antigo Patrimônio dos Polacos, onde os poloneses se estabeleceram em 1873



Marcas na cultura local

Apesar de rejeitados pelos governantes e pelos ferrenhos rivais alemães e pomeranos, aos poucos os polacos que ficaram desbravaram a região e deixaram marcas profundas na cultura ao se miscigenar com os italianos.

Em Santo Antônio do Canaã, antigo Patrimônio dos Polacos, as últimas famílias descendentes dos pacíficos imigrantes poloneses possuem os traços dos bisavós.

A miscigenação resultou em um povo de pele clara, olhos azuis e cabelos louros. O comerciante José Wutkovsky, 82 anos recorda que foi impedido de aprender a língua dos seus avós por força da lei no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

“Na época não tinha escola aqui. Quando começamos a aprender a rezar em polonês, veio a soldadesca e mandou parar”, conta Zé Polaco, como é conhecido em Santo

Antônio do Canaã.

Zé Polaco traz na memória a vida no patrimônio de ruas de terra batida e sem luz elétrica, além da contribuição dos polacos na construção da Igreja Matriz e do cruzeiro no vilarejo.

“Foram os polacos oficialmente os primeiros habitantes da estrada do rio Timbuí, antes mesmo da criação como núcleo”, diz o professor Luiz Buzatto.

“Esses poloneses não devem ser confundidos com os imigrantes da Polônia que vieram mais tarde para o Espírito Santo, já que a experiência com esses imigrantes foi encerrada com sua retirada da serra capixaba”, completou.

Ele ressalta ainda que em 1937, no governo de Getúlio Vargas, a Constituição Federal do Brasil era chamada de “Polaca” por ter sido inspirada nas leis da Polônia.



LUIZ BUZATTO: contribuição na formação do município e na cultura local

“Revolta dos polacos” foi contida por Força Nacional

Sempre às voltas pelas confusões criadas pelos polacos, o administrador da Colônia de Santa Leopoldina, Pedro de Albuquerque Rodrigues, conforme pesquisou Luiz Buzatto, se viu obrigado a convocar 20 soldados da Força Nacional com objetivo de aplacar a fúria dos antigos colonos rebeldes no Porto das Canoas.

“O administrador da colônia cita no volume 71 do Livro da Governadoria que todos os polacos, ex-



O CEMITÉRIO, limpo e enfeitado

ceto 15 ou 20 famílias, estavam reunidos no porto do rio Santa Maria, perfazendo um número de mais ou menos 100 homens, 70 deles armados de espingardas e revólveres.

“Em caso de conflito, nenhum recurso posso esperar dos alemães e pomeranos rivais dos poloneses”, diz parte do relato do administrador colonial, reproduzido por Buzatto.

Resultado: boa parte dos colonos foram embora, alguns aceitaram as colônias de 30 hectares em Santa Leopoldina e 17 famílias foram transferidas para “o fim do mundo”, expressão usada pelo dirigente da época para se referir a Santo Antônio dos Polacos.

De acordo com Buzatto, após conflito no início da colonização de Santa Teresa, o mapa estatístico tinha os seguintes dados: 48 famílias polacas ficaram nas glebas do governo, sendo 31 em Santa Leopoldina e as 17 famílias transferidas para a localidade de Santo Antônio.

Outros 59 colonos recusaram os terrenos e se retiraram para Vitória. No total, somavam 135 famílias com o número médio de membros de cinco pessoas.



ERALDO E FERNANDES: orgulho

Terra erguida pelos poloneses e negros, dizem moradores

O orgulho da origem polonesa superou o sombrio tempo da colonização entre os descendentes em Santo Antônio do Canaã. Pelo menos seis famílias de origem polonesa ainda vivem na região.

“No casamento entre polacos e italianos, os filhos herdaram apenas o sobrenome do pai, mas são genuínos representantes dos antigos colonos”, disse Luiz Buzatto.

É o caso dos irmãos Eraldo Brás e Fernandes Luiz Valandro, filhos de Sabina Witchesky, que morreu aos 89 anos. “Foram os braços dos polacos e negros que ergueram essa terra, e me orgulho muito disso. Não me importo de ser chamado de polaco”, afirma Eraldo.

O lavrador João Gujanwski, de 74 anos, que nasceu em Santo Antônio do Canaã, vê a mão dos polacos nas casas, lavouras e até no cemitério local, sempre limpo e enfeitado, onde os nomes dos pioneiros estão gravados nas lápides ou nas cruzes de metal.

Falecida em 1929, o túmulo de Verônica Deptulska, que morreu em 1929, aos 56 anos de idade, é um dos mais antigos do cemitério de Santo Antônio.

A existência de negros escravizados na região de Santa Teresa e de Colatina é comprovada nos livros dos cartórios locais onde está registrada a compra, venda ou troca de escravos por carroças de madeira e ferramentas, segundo o professor Luiz Buzatto.



GUJANWSKI, 74: contribuição